

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL - UFMS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPP
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCHS
ESPECIALIZAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICO – RACIAIS, GÊNERO E
DIFERENÇAS NO CONTEXTO DO ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURAS
BRASILEIRAS

**A imagem do índio nos livros didáticos: Uma breve reflexão dos povos
indígenas no ensino de história.**

1

ZANCANARI, Natalia Scarabeli²

E-mail: nataliazancanari@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar como a temática indígena está sendo estudada na sala de aula, por meio dos livros didáticos e sobretudo nas questões que implicam as representações de imagens estereotipadas, construídas historicamente, marcando a maneira como o índio tem sido representado no ambiente escolar. Essa questão foi abordada na escola municipal Thereza Siqueira Mendes na cidade de Santa Fé do Sul, localizada no interior do estado de São Paulo. Desse modo, foram coletadas ilustrações produzidas pelos anos da 6^o série do ensino fundamental retratando os índios nos dias atuais, propiciando considerar sobre os estereótipos produzidos sobre os indígenas mediante a análise dessas imagens. Outras fontes como livros didáticos e referencial bibliográfico também fazem parte do material empírico presente neste trabalho. Assim, busca-se estabelecer uma reflexão sobre como a questão indígena é representada, no intuito analisá-la a partir de outro prisma, a partir da desconstrução de idéias historicamente construídas de modo a não aprisionar os povos indígenas ao passado.

Palavras Chave: representação; sala de aula; indígenas.

1Artigo apresentado como parte dos requisitos acadêmicos para a obtenção do título de especialista na temática Relações étnico – raciais, gênero e diferenças no contexto do ensino de História e Culturas brasileiras.

2Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados.

Introdução

O objetivo deste artigo é contribuir com algumas reflexões sobre a temática indígena na educação, sobretudo nas questões que implicam as representações e construções culturais dos povos indígenas na sala de aula, em que muitos casos a representação reforça a imagem da existência dos povos indígenas apenas durante o período do contato com o europeu, de modo a não ser demonstrado a sua historicidade.

O historiador John Manuel Monteiro fala sobre a ausência da participação ativa dos indígenas como atores históricos na historiografia tradicional. Segundo o autor “com a construção da figura do bandeirante, entre outros mitos da colonização, o papel histórico do índio foi completamente apagado”(Monteiro, 1994, p. 119)

No século XIX, os índios passaram a ser vistos como povos primitivos enquanto os europeus como povos civilizados, ou seja, a conquista, a presença dos jesuítas, a colonização eram descritos a partir da visão dos portugueses. Tanto nos livros didáticos quanto na mídia. Nessa escala evolutiva muitos autores descrevem suas concepções de mundo e, nas suas representações, não havia lugar para o diferente. Desde então, esses povos tem tido uma participação pouco expressiva em nossa historiografia e no cotidiano escolar sendo geralmente estudados como dominados e aldeados. Essas interpretações construíram uma imagem imóvel dos índios e essa imagem é disseminada nas salas de aula no processo de ensino aprendizagem.

No cerne das temáticas sobre a questão indígena são utilizados elementos centrais como a educação e representação cultural. “Trabalhando assim sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros (...)”. (CHARTIER, 1988, p.23). Deste modo, segundo o mesmo autor:

“As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares e políticas) que tendem a impor uma autoridade a custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador, ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 1988, p.17).

Neste caso, é necessário compreender que as realidades são construídas por diferentes grupos e que, por meio de suas práticas ou de suas formas próprias de estar no mundo, vão construindo suas identidades socioculturais. Assim, a utilização do conceito de representação é proposto como referente à elaboração de sentidos para o mundo, para os outros e para si mesmo, estando associado também à construção de identidades.

Embora a presença dos grupos indígenas no cenário brasileiro caracteriza como grupos culturalmente diferenciados, eles também são representados por uma série de discursos que os estruturam. Estes discursos aparecem repletos de estereótipos e preconceitos.

Neste contexto Oliveira (2003) retrata as representações do diferente produzidas a partir de outros olhares, como o “oriente” vistos a partir do “ocidente” e a “imagem dos Incas e Astecas a partir do olhar espanhol”. Para o autor:

“(…) a rede de poder em que as questões culturais estão inseridas, apontando que a diferença tem sido marcada de forma hierarquizada e assimétrica, e que os sujeitos ou as práticas mostrados (as) como diferentes o são de forma que pareçam inferiores, de modo que a diferença não é estabelecida desinteressada e inocentemente, mas é instituída a partir de discursos e “olhares poderosos” (OLIVEIRA, 2003, p.30).

Diante disso, nota-se a generalização e simplificação que a questão indígena é representada, de forma a contribuir para a formação de estereótipos e preconceitos. Com as imagens estereotipadas e arraigadas sobre os índios aparecem como resultado de uma falta de problematização da temática em que esses povos acabaram aprisionados ao passado.

A representação dos povos indígenas nos livros didáticos

Passados mais de 500 anos, desde a chegada dos portugueses a este território, denominado Brasil, ainda se encontra fortemente presente no imaginário da população brasileira a idéia de que índios eram seres que guerreavam com arco e flechas, andavam nus no meio da mata e vivam da caça e pesca, entre outras características generalizantes. Esse fato se explica pela presença do veículo reforçador dessas idéias carregadas de preconceitos contra os povos indígenas é, sem dúvida, a escola, em que a idéia de índio aparece congelada desde a época do descobrimento, sendo lembradas no “Dia do Índio”.

Neste caso, podemos observar que na escola pouco se aprende sobre a diversidade cultural em sua importância e valorização. Questões essas que se aprende com o convívio com a diferença, mas que na prática cotidiana isso não acontece disseminando idéias errôneas e preconceituosas arraigadas em nossa sociedade. Esse fato se encontra presente nos livros didáticos sendo ele o construtor do modelo do conhecimento histórico em que o conhecimento do indivíduo não vai além do que foi aprendido por meio da escola.

Assim, o professor acaba, tendo o livro didático como apoio de seu trabalho, resultando na manutenção dos mitos e estereótipos que povoam a história, reforçando as idéias

contidas por parte dos alunos, tendo o livro como única fonte de material utilizada na sala de aula. Neste caso, para Bourdieu (1999):

A igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e justificação para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou, melhor dizendo, exigida (Bourdieu, 1999, p. 53).

Diante disso, podemos notar que o livro didático não é uma produção neutra, pois traz consigo condicionantes das políticas educacionais atuais. Desse modo, para Chartier:

No ponto de articulação entre o mundo do texto e do sujeito coloca-se uma teoria da leitura capaz de compreender a maneira em que os discursos afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si e do mundo. (1990, p.24)

Ao analisar o livro didático e sua função dentro da sala de aula observa-se que tanto por parte dos professores quanto dos alunos, o conteúdo escolar que se insere se encontra sistematizado. É no livro didático que deveria estar envolto o sistema de valores, de ideologias e culturas, reproduzindo então os interesses e o saber oficial impostos na sociedade, podendo ser considerado como um instrumento de legitimação e poder. Para Thais Nívea de Lima e Fonseca:

Ao lado de outras fontes-jornais e revistas, iconografia, discursos e obras teóricas-os manuais didáticos apresentam-se como parte essencial de uma determinada formação política e um determinado contexto cultural. (1999, p.204)

Diante disso, podemos considerar que o livro didático representa para grande parte da população como única fonte de informações sobre outras culturas e povos, contribuindo significativamente para a formação de uma imagem sobre o outro. Assim, ao pensar nos dias atuais os conflitos étnicos e religiosos aliados a um mundo cada vez mais globalizado nos levam a uma preocupação em relação a alteridade, tornando-se necessário fazer uma reflexão acerca das diferenças. Pois, devido as dificuldades em lidar com as diferenças étnicas e sociais, a alteridade é colocada no passado, tornando-se algo distante de nossa realidade.

Neste contexto, o índio é considerado como algo estranho, que teria vivido em uma época e lugar distante do nosso, o que contribuiria para uma visão preconceituosa. A ausência de um posicionamento crítico em relação a vida dos indígenas na sociedade atual contribui para que permaneça a imagem do indígena nos tempos de colonização.

Existem diferentes imagens relacionadas aos indígenas e muitas delas contraditórias entre si, fragmentadas e até mesmo anulando- os como se não existissem nos manuais

escolares. Assim como também são fragmentados os momentos históricos nos quais esses povos aparecem. O que se torna mais preocupante é o fato que ao situar os índios no passado, os livros não preparam os alunos para entenderem a presença destes no presente e futuro, ou seja, estes ficam congelados no passado.

Coelho, ao analisar as obras didáticas de história produzidas entre 1995 e 2005 observa que entre a produção didática e a historiografia existe:

“(…) uma gritante ambigüidade: enquanto, por um lado, se percebe um processo de redimensionamento do lugar das populações indígenas na composição dos conteúdos, em todo atento às pesquisas mais recentes, por outro, nota-se a permanência de aportes que se aproximam daquela antiga vocação: as populações indígenas são representadas conforme aquela cultura histórica que as via como ingênuas, vítimas dos colonizadores, cujo traço cultural fundamental era, fora a preguiça, a relação com a natureza (2009, p.274).

Deste modo, as questões relativas aos indígenas recorrente na historiografia didática escolar é de que a presença indígena brasileira restringe-se ao início do período colonial, vindo a desaparecer nos séculos seguintes, sugerindo assim, o desaparecimento ou a inexistência de populações nativas nessas etapas posteriores da história brasileira.

Para Norma Telles os povos indígenas, são colocados nos livros didáticos em posição de inferioridade, são atribuídos a eles valores etnocêntricos em relação aos mesmos:

(...) a impressão de que essas sociedades, quando mencionadas, são anacrônicas, ultrapassadas, decadentes, porque incapazes de entrar para a história ou de resistir ao agressor. Impressão esta que é reforçada pela ausência quase geral de menção à resistência ameríndia, isto é, à história da conquista. O momento escolhido pelos narradores para mencionar as outras culturas é sempre desfavorável, porque as insere em momentos estanques e capítulos separados, e porque não toma a cultura em sua totalidade (Telles, p.93, 1987).

A alteridade dos europeus sobre as populações indígenas são muito claras nos textos e ilustrações dos livros didáticos, ocorrendo distorções e inverdade que caracterizam esses povos. Ainda segundo a autora:

Acontece, porém, que os alunos não têm outra fonte de informação, não têm como saber que o que estão aprendendo não corresponde a nenhuma realidade, mas a um esquema ideológico, consciente ou inconsciente, não importa, dos autores e, por conseguinte, é esta triste e precária imagem que incorporarão dos grupos indígenas (Telles, p.117, 1987).

Neste caso Thais Nívia de Lima e Fonseca fala sobre os livros didáticos e o coloca numa perspectiva que de “um manual útil ao ensino da disciplina – e alcance o caráter de documento”(p.203). Assim, sendo o “livro didático de História um dos elementos difusores, não apenas do conhecimento histórico, mas, sobretudo, de uma determinada memória”

(p.203). Os livros didáticos é portanto, um formador de identidades, cujos textos didáticos, ao invés de trabalhar as questões indígenas como parte do universo cultural europeu do período, enfatizam uma visão preconceituosa, mostrando um indígena passivo, sendo deixado levar pelos recém-chegados europeus, ou em outros casos, omitindo a presença dos indígenas, “reforçando uma idéia do Brasil como terra de ninguém, que poderia ser tomada por quem chegasse primeiro” (p.208). Também, muitos textos repetem a Carta de Caminha empregando uma abordagem descritiva e ilustrativa, sem discussões mais aprofundadas e partindo de uma visão totalmente européia.

Desse modo, podemos observar que os manuais didáticos ainda trabalham com a visão européia, ressaltando suas potências como povos dominantes e ignorando as vivências de outros povos. Dessa maneira a cultura dos povos indígenas é descrita pelo olhar do dominante, partindo de uma ótica do não indígena, de elementos isolados, de preconceitos e estereótipos. Assim, nas obras didáticas imperam a presença do eurocentrismo, ressaltando os povos europeus. Para Telles a cultura européia não apenas praticou um etnocentrismo, como também um etnocídio:

A destruição de modos de vida e de pensamentos diferentes dos compartilhados por aqueles que conduzem à prática da destruição, que reconhecem a diferença como um mal que deve ser sanado mediante a transformação do Outro em algo idêntico ao modelo imposto (TELLES, 1993,p.75).

A representação do índio se encontra focada quase sempre no passado e de forma secundária expondo formas estereotipadas e etnocêntrica presentes nas obras didáticas, no qual simplifica e silencia os nativos e as repercussões negativas do processo colonizador nas suas sociedades, em detrimento dos feitos ocidentais e desenvolvimentistas.

A visão do índio na atualidade

Por meio da análise de ilustrações sobre a história e cultura dos povos indígenas nos livros didáticos considera-se as ilustrações como representações que pairam na mentalidade dos alunos, consideradas nas dimensões de verdade e de imaginação.

Na literatura romântica do século XIX o índio é visto como vítima sendo sacrificado em nome da civilização, período este que foram divulgadas idéias de povos pacificados, também abordados como representantes do passado, sendo os primeiros habitantes do Brasil.

Nas obras de José de Alencar, os índios e os brancos são vistos como heróis que se encontram nas terras do Além Mar para juntos fazerem o Brasil e então surge o estereótipo

guerreiro com virtudes típicas dos heróis do passado e sempre aliado aos portugueses como exemplo de lealdade e devoção ao colonizador luso.

Outra questão a ser discutida é o contato, vistos como relação de dominação/submissão, na qual uma cultura impunha sobre a outra. Neste caso, os índios integrados sendo representados como escravos ou aliados eram vistos como submissos e aculturados.

A representação dos povos indígenas no Brasil atual presente no livro didático na maioria das vezes são exibidos com as mesmas características do índio no passado. Neste sentido, é necessário compreender que os indígenas não estão presos a uma vida estática. Na ilustração abaixo as fotos aparecem com o slogan “Os povos indígenas no Brasil atual” da coleção SIM (Sistema de Ensino) do 7º ano, São Paulo, 2014.



Podemos observar que na figura 1 o índio aparece em sua atividade pescando com arco e flecha, cenas que representam o índio séculos atrás e não nos dias atuais.



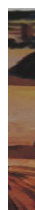
Na figura 2 retratando as atividades das crianças sendo a preferida os banhos nos rios, sabemos que hoje grande parte da população indígena vive nos centros urbanos distante das antigas formas de vida.



Mesmo reconhecendo as particularidades de cada etnia, a imagem consolida a “oca” feita de palha. Mesmo que especifique a moradia da etnia tupi, seria interessante mostrar que existem outros tipos de moradias e etnias, principalmente nos centros urbanos, destacando a realidade onde vivem. A fixação simbólica em um tipo de moradia é modalidade de estereotipia cultural, favorecendo uma visão estática de morar e viver dos povos indígenas na história do Brasil.

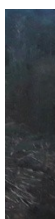
Neste caso, as maiores dificuldades a serem apontadas é o fato de tais ilustrações generalizar a população indígenas permanecendo a percepção do índio preso no passado.

A ilustração “Brasil: Encontros com a História” 5ºano do ensino fundamental não especifica na legenda a habitação e nem a relaciona as características geográficas e culturais em que inserem tal etnia.



O uso do passado histórico nas ilustrações, leva ao favorecimento de visões sobre os indígenas na contemporaneidade como portadores destas formas de vida e compreensões de mundo, criando estereótipos e idealização que simplificam a questão indígena.

Outra construção do tempo presente interessante é na ilustração do livro didático Projeto Radix da 5ª série do ensino do ensino fundamental. Na ilustração retrata a situação em que se encontram os povos indígenas nos dias atuais, não com a imagem dos povos indígenas mas mostrando a imagem de destruição e desmatamento ocasionada por uma serraria e com isso o agravamentos das condições de vida desses povos.



Historicamente, o Brasil tem tratado com muito preconceito e discriminação as diferenças étnicas e culturais presentes em seu território, sendo a escola um importante

mecanismo reprodutor desta situação e, por isso, pode ser um local privilegiado para debater tais questões. Para Lopes da Silva e Grupioni:

Nestes tempos de violência generalizada no país, a reflexão sobre os povos indígenas e sobre as lições que sua história e suas concepções de mundo e de vida social podem nos trazer, aliada ao exame dos modos de relacionamento que a sociedade e o Estado nacionais oferecem às sociedades indígenas constituem um campo fértil para pensarmos o país e o futuro que queremos (1995, p.15-16).

A preocupação com as possibilidades do convívio na diferença e educação no que diz respeito à diversidade sócio-cultural é evidente quando se trata de considerar os povos indígenas no contexto brasileiro, são temas presentes nas sociedades complexas fazendo parte do cotidiano dessa sociedade, responsável por uma multiplicidade de culturas e maneiras de ser, dada a sua maneira multiétnica marcado por desigualdades sociais e intolerância frente a diferença do Outro. Neste caso para Tassinari:

(...) um trabalho com a questão indígena permite tratar da crítica aos preconceitos, desenvolver a aceitação daqueles que são iguais a nós, e exercitar o respeito à diferença em geral, seja ela de gênero, de cor, de religião, de constituição física ou, como neste caso, a diferença étnica e cultural (TASSINARI, 1998, p.445).

A forma como a questão indígena está sendo ensinada nas escolas é a de que índios não existem na realidade, são imagens estereotipadas, transformada em preconceito devido à generalização de aspectos negativos, por isso a importância de valorizar uma variedade de costume e línguas.

A representação por meio de ilustrações em sala de aula

No intuito de compreender como os estudantes da 6ª série da escola municipal Tereza Siqueira Mendes localizada na cidade de Santa Fé do Sul no interior do estado de São Paulo, cuja presença do índio parece tão distantes, foram observados algumas ilustrações referentes a população indígena, onde retrataram como o índio vive nos dias atuais.

Dentre as ilustrações foi deparado com a representação dos índios nos moldes eurocêntricos, vivendo da caça, da pesca e com pouca roupa e penacho na cabeça.



Nota-se na maioria das ilustrações perdura a perspectiva eurocêntrica da história, ou seja, a imagem de que os povos indígenas só existiam no Brasil durante o período do descobrimento com o contato dos europeus, não demonstrando sua historicidade. As representações construídas pelos alunos ainda carregam características das imagens

construídas e difundidas pelas escolas ao longo da história do Brasil, as mesmas que favorecem a exclusão e a participação indígena na construção da sociedade e como parte integrante da cultura brasileira.



Essa outra imagem reproduz os povos indígenas vivendo em ocas e se alimentando da caça, pesca e frutos totalmente integrado a natureza, como sendo um sujeito preso ao passado, sobretudo no período colonial. Este modo de vida não retrata os índios na atualidade,

destituídos de seu habitat e de qualquer pedaço de terra que lhes são de direito, vivendo em cidades de maneira muitas vezes desumanas.



Essa outra imagem é retratada mais uma vez o índio vivendo da caça e da pesca, o que pode constatar que os alunos não aprendem a realidade dos índios nos dias atuais, a presença de rios e florestas onde viveram antes da descoberta dos índios e tempos depois não existe de maneira a oferecer lugares e subsídios de uma vida que levaram séculos passado. A idéia que permanece no imaginário dos alunos é como se os índios tivessem parado no tempo, ainda da época colonial.



Essa outra imagem, diz muito sobre os primeiros contatos dos indígenas com os

portugueses, fica clara a compreensão de que os portugueses invadiram as terras indígenas e a disputa por essas terras. O arco e flecha predominam na imagem como forma de proteção aos índios dos ataques portugueses.

Por meio das imagens representadas pelos alunos podemos notar que os índios são tomados genericamente, como se fossem todos iguais, ignorando os diferentes modos de vidas e etnicidade de cada grupo. Para o autor Luís Donizete Grupioni ao se referir ao indígena como “A imagem de um índio genérico, estereotipado, que vive nu na mata, mora em ocas e tabas, faz canoa, gosta de se enfeitar, come mandioca (...)”. Notamos como é perceptível a apresentação de um indígena despregado da realidade que são representados no tempo passado, desvincilhando da realidade atual em que vivem.

Neste caso, é necessário analisar como a questão indígena é representada, no intuito de compreendê-la a partir de outro prisma, a partir da desconstrução de idéias historicamente construídas de modo que as imagem desses povos não apareçam de forma estática, ou seja, presa ao passado.

Conclusão

Diante das discussões propostas foi possível verificar que os conteúdos sobre a cultura indígena veiculados nos livros didáticos contribui muitas vezes para uma confusa imagem em relação ao índio, as informações basicamente se resumem a brincadeiras indígenas, costumes alimentares, nos afazeres dentro da comunidade e sua participação no descobrimento. Esse fato ficou nítido nas ilustrações dos alunos ao representar sua visão em relação ao índio atual. Deste modo, podemos compreender que a ausência de imagens ou textos com caracterização atual dos índios poderia contribuir para a ressignificação da história indígena.

Assim, apesar dos livros didáticos, a Escola Municipal Thereza Siqueira Mendes, revelou-se como não sendo capaz de permitir aos educandos desenvolverem no espaço escolar, por meio do processo ensino aprendizagem, a percepção de quem vem a ser o índio principalmente na atualidade, gerando construções equivocadas e distantes da realidade sobre a temática indígena.

Compreendemos que pensar a temática indígena na Educação é o ponto fundamental para o reconhecimento das diferenças culturais existentes em nossa sociedade. Assim como, para entendermos a respeitar estas diferenças, sobretudo no mundo presente, ou seja, nossa realidade local, regional e nacional. A questão principal considerada nesta perspectiva é o

protagonismo indígena na condução dos seus processos históricos, embora exista ainda enraizada nas escolas a interpretação oficial dos fatos.

Porém, cabe ressaltar que essa visão da questão da visão indígena que encontra inserida aos espaços acadêmicos e sendo aos poucos vinculadas por meio da imprensa, congressos e seminários nacionais e internacionais, desmistificando os estereótipos produzidos ao longo dos mais de 500 anos de conquista, destacando a existência de práticas e discursos do não reconhecimento dos povos indígenas como sujeitos históricos.

Deste modo, é preciso pensar os processos educativos no sentido de desconstruir a imagem estereotipada e preconceituosa existente sobre as sociedades indígenas, de forma que evite conceitos em que os índios são vistos como preguiçosos e primitivos. Neste sentido, é preciso pensar o índio como sujeito histórico, capazes de lutar por seus direitos, tomar decisões e não serem vistos como vítimas da história.

Listagem dos livros didáticos analisados.

APOLINÁRIO, Maria Raquel. Livro História 3º série Projeto Pitangua. São Paulo: Editora Moderna. 2005.

PELLEGRINI, Marcos César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. Sistema de Ensino:SIM, 7º série. São Paulo: Editora FTD S.A, 2004.

RIBEIRO, Vanise; ANASTASIA, Carla. Brasil Encontros Com a História Vol 1. 5º série. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1996.

VICENTINO, Cláudio. Projeto Radix: história, 5º série. São Paulo: Scipione, 2005. – Coleção projeto radix

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”. In: CATANI e NOGUEIRA. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1988.

COELHO, M. C. A história, o índio e o livro didático: apontamentos para uma reflexão sobre o saber escolar. In: ROCHA, H; REZNIK, L.; MAGALHÃES, M. (orgs). *A História na Escola*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p.263-280.

GUPIONI, Luís Donisete Benzi; VIDAL, Lux Boelitz. Prefácio. A tolerância e os povos indígenas: a busca do diálogo na diferença. In: GRUPIONI, Luís Benzi; VIDAL, Lux Boelitz;

FISCHMANM, Roseli (orgs). *Povos indígenas e tolerância: construindo práticas de respeito e solidariedade*. São Paulo: Edusp, 2011.

LIMA E FONSECA, Thais Nívea de. O Livro Didático de História: Lugar de Memória e Formador de Identidades. In: NODARI, Eunice; PEDRO, Joana Maria; IOKOI, Zilda M. Gricoli. *História - Fronteiras: Anais do XX Simpósio Nacional de História*. São Paulo: Humanitas/ANPUH, 1999, p. 203-212.

LOPES da Silva; GRUPIONI, L.D.B (org). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994ª.

OLIVEIRA, Teresinha Silva de. Olhares que fazem a “diferença”: o índio em livros didáticos e outros artefatos culturais. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/ Fev/ Marc/ Abr. 2003.

TASSINARI, Antonella M. Sociedades indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural. In: LOPES DA SILVA e GRUPIONI (orgs). *A temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. 2º Ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC; MARI: UNESCO, 1998.

TELLES, Norma. A imagem do índio no Livro Didático: Equivocada, Enganadora. In: SILVA, Aracy Lopes da (Org.). *A questão indígena na sala de aula*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 73-90.

_____. A imagem do índio no Livro Didático: Equivocada, Enganadora. In: SILVA, Aracy Lopes da (Org.). *A questão indígena na sala de aula: subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: Brasiliense, 1987.